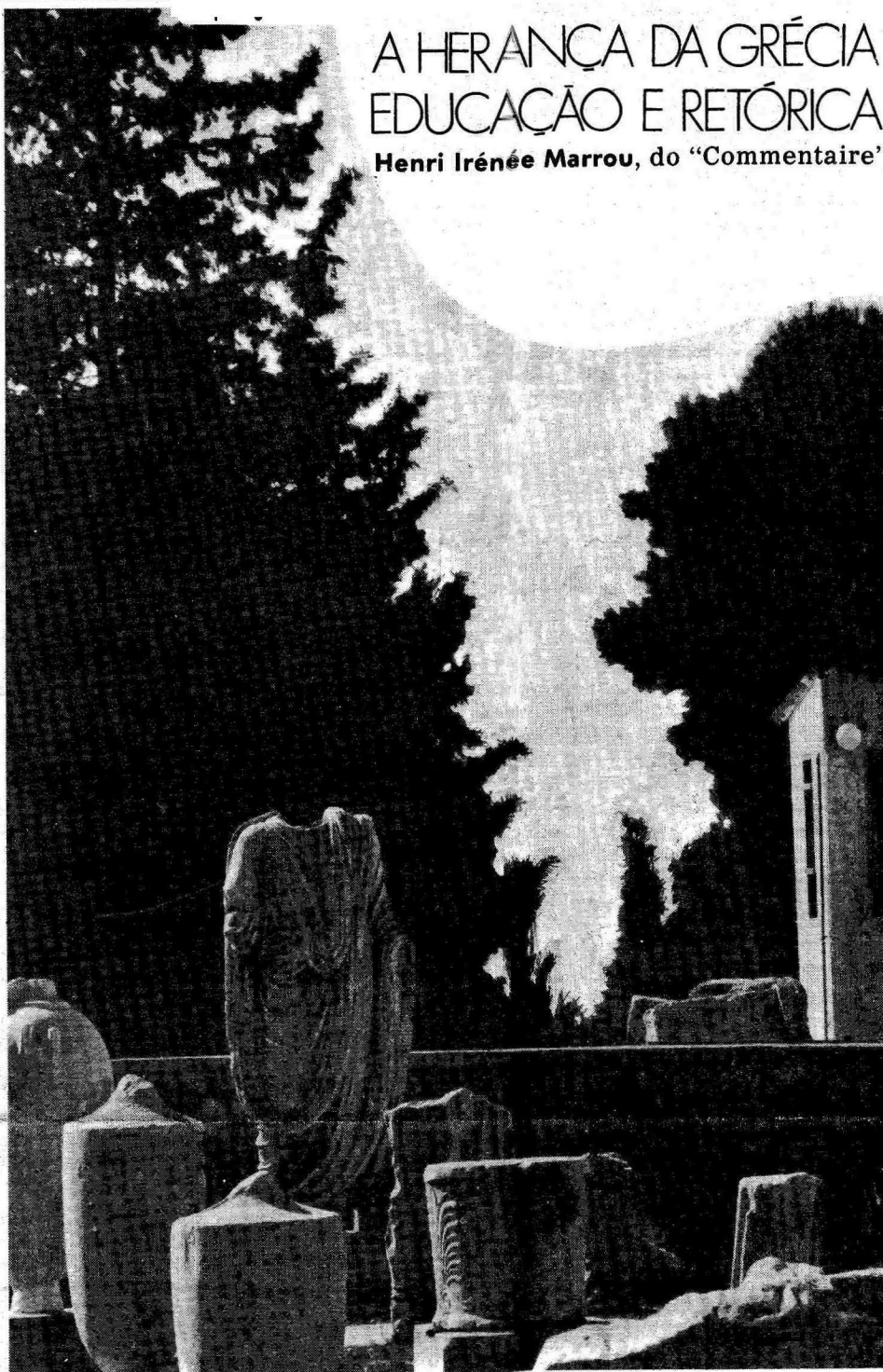


A importância da contribuição grega à civilização ocidental aparece muito especialmente no campo da educação. O sistema educacional que se forma lentamente entre os gregos desde a época arcaica até o início da dominação romana, salvo modificações menores, foi adotado tal e qual pelos romanos. Integrado assim à tradição romana, ele exerceu uma profunda influência nas instituições e práticas educativas da Europa, influência esta reforçada pelas voltas à Antiguidade que foram sucessivamente o renascimento carolíngio, aquele do século XII, e, é claro, o Renascimento humanista dos séculos XV e XVI.

A longa história da educação grega não remonta até a época miceniana. A decifração do Linear B(1) por Michael Ventris e John Chadwick revelou a existência de uma cultura "de escriba" (e portanto de uma educação apropriada) análoga às culturas que se desenvolveram no antigo Oriente Próximo para responder às necessidades administrativas das monarquias orientais. Depois do obscurantismo dos séculos XI-IX, os poemas homéricos fazem-nos descobrir um mundo grego radicalmente transformado. Não é fácil discernir o que pôde ter sido a educação da era "heróica" através da imagem idealizada que nos oferece dela a epopéia homérica. Porque esta educação permaneceu durante séculos como a base da cultura grega, alguns dos valores enaltecidos naqueles tempos recuados exerceram uma influência permanente na formação dos gregos e em sua mentalidade. Entretanto, o tipo de educação característico da Grécia, que se manteve ao longo dos períodos helenístico, depois romano e bizantino, só tomou sua forma específica a partir do momento em que o ideal do nobre guerreiro como aparece em Homero é substituído pelo ideal do cidadão da polis. A educação grega sempre tendeu a favorecer o sentido cívico, o orgulho de pertencer a uma cidade livre, a lealdade para com a comunidade. Esta influência impregnou tão profundamente a tradição clássica que podemos considerá-la igual àquela de Roma na elaboração do ideal do cidadão de hoje.

Insistia-se antes de mais nada na formação militar: o cidadão devia ser capaz de portar armas. Este traço arcaico sempre ficou muito marcado em Esparta. Ali, um sistema de instituições altamente elaborado ficava encarregado da criança durante toda a adolescência e a submetia dos 7 aos 20 anos a um treinamento rigoroso, tanto moral quanto físico, dentro de uma hierarquia de classes anuais — sistema este que lembra os movimentos de juventude nos Estados totalitários modernos, Gioventu Fascista e Hitler Jugend. Neste último caso, não poderíamos excluir um empréstimo direto: não é somente na antiga Atenas que a "miragem espartana" seduziu os nostálgicos de autoridade e disciplina. Ela exerceu efeito também sobre as correntes antiliberais da Europa, nos séculos XIX e XX, notadamente na Alemanha.

A partir do século VI, primeiro em Atenas e depois no resto da Grécia (à exceção de Esparta e da conservadora Creta), as preocupações militares passaram para o segundo plano tanto na educação quanto na vida (a hoplomakhia, a "luta com armas", não designa mais que a esgrima). Todavia, a educação, doravante mais civil que militar, continuava a ser uma educação essencialmente física. Para nós, o termo "educação" evoca antes de mais nada a escola, a leitura e a escrita. Para os gregos, ele foi durante muito tempo a palestra e o ginásio, onde a criança e depois o adolescente praticavam esportes. Quando, na sequência das conquistas de Alexandre, o mundo helenístico tomou a extensão que se sabe, os gregos que se estabeleciam no Oriente fundaram por toda parte ginásios para transmitir sua cultura a seus filhos. Descobriram recentemente um desses ginásios nos confins da Bactriana, em Ai Khanum sobre o Amu Daria (o antigo Oxus), na fronteira norte do Afeganistão. No Egito romano, o título de "ex-aluno de ginásio" dava direito ao estatuto legal de heleno pelo qual se era distinguido do nativo desprezado, o "egípcio".



De início reservada a uma elite aristocrática, a educação esportiva do ginásio foi progressivamente aberta a outras camadas de cidadãos, à medida que a sociedade evoluía para a "democracia". As mulheres eram excluídas dela, é claro (a cidade grega era um clube masculino), ainda que a extensão da educação, e portanto do esporte, às mulheres fosse eventualmente encontrada aqui e ali, em Esparta, notadamente, ou na Lesbos de Safo, e mais amplamente no período helenístico.

O primeiro mestre especializado foi o **pedotriba** (o "treinador de crianças") cujo campo era o esporte: os esportes equestres (equitação e corrida de bigas) sempre reservados a uma elite elegante, a corrida a pé (a prova típica era corrida em toda a extensão de um estádio, cerca de 200 metros), o salto à distância, o lançamento de disco e de dardo, a luta, o boxe e o pancrácio (uma forma violenta de luta, algo como nossa luta livre, onde eram raros os golpes proibidos). Por "esportes" entendemos esportes de competição, pois foi nesse campo que sobreviveu, entre os gregos, o ideal "agonístico" herdado da época heróica: ser o melhor, o primeiro, superar aqueles de sua categoria. Daí a introdução de jogos, agones em grego, competições entre crianças e adolescentes de diversas classes de idade, primeiro no quadro da cidade e depois em escala internacional (em Olímpia em 632 a.C.).

Ainda que nosso esporte moderno (e portanto nossa educação física) tenha origem nos jogos rústicos dos camponeses e, no que diz respeito aos concursos equestres e à esgrima, na cavalaria medieval, ninguém ignora a importância da revalorização dos Jo-

A HERANÇA DA GRÉCIA: EDUCAÇÃO E RETÓRICA

Henri Irénée Marrou, do "Commentaire"

do século.) É aqui que a herança da Grécia antiga, através de seus "descendentes" romanos, faz sentir todo o seu peso sobre a história da pedagogia européia, praticamente até nossa geração.

Como todos os povos da Antiguidade, os gregos ignoravam completamente a existência de uma psicologia infantil. Também os castigos corporais eram seu único recurso contra a criança refratária, segundo eles sem razão válida, à aprendizagem da leitura. Além disso, os gregos, espíritos racionais — digamos, de um racionalismo meio ingênuo —, progrediam na instrução por graus, indo do simples ao complexo; eram estudados sucessivamente os diversos elementos destacados pela análise dentro da estrutura da linguagem escrita: primeiro o alfabeto, depois as sílabas (começava-se pelas mais simples, para passar em seguida àquelas de três letras e finalmente às mais complexas), depois às palavras (das mais curtas às mais longas e mais difíceis) e somente em seguida às frases. O aluno só abordava uma nova etapa após dominar perfeitamente a anterior. Também os progressos eram lentos: eram precisos três ou quatro anos para aprender a ler por esse método mecânico que ainda estava em uso no século XVIII nas escolas gregas sob domínio turco e que resistiu durante muito tempo também no Ocidente.

Este é o quadro da educação em Atenas, no final do século VI a.C. Esse quadro deveria perdurar por mais de um milênio, não sem conhecer, evidentemente, certa evolução. Foi dado um espaço cada vez maior ao estudo da literatura, enquanto o esporte e a música eram proporcionalmente reduzidos. Essas duas disciplinas continuaram a ser apreciabilíssimas, porém, vítimas dos progressos de sua própria técnica, só eram praticadas, na verdade, por uma minoria, profissionais ou amadores. Elas passaram assim a ser, para a grande maioria, um simples espetáculo. Sua evolução só chegou a termo na época do Império Romano tardio. A partir de então, a cultura da Antiguidade foi uma cultura literária, e o triunfo do cristianismo — religião do livro — só fez confirmar essa transformação.

Antes desse estádio final, a educação grega era menos escolástica do que foi a nossa a partir do início da Idade Média. Teremos de esperar críticos tão revolucionários quanto Ivan Illich para contestar um aspecto particular da herança grega: a distinção — senão a oposição — entre ensino e educação. Entre os gregos, os professores, os técnicos que transmitiam o segredo de sua arte à criança, não eram a bem dizer educadores: o mestre-escola era menos importante que o **paidagogos**. Personagem de origem muito humilde, muitas vezes um simples escravo encarregado de levar a criança à escola, o **paidagogos** acaba por tornar-se seu verdadeiro mestre, ensinando-lhe etiqueta, boas maneiras, modo de se portar na vida, em suma, todo o ideal moral ao qual ela devia submeter-se. Com a adolescência intervenha um outro fator, a saber, a pederastia, a qual, apesar da oposição que encontrou de parte da Igreja, também faz parte da herança. Independentemente do aspecto físico (que fica difícil de avaliar), a pederastia representava um papel capital na educação do adolescente. Pelo contato habitual, especialmente no ginásio, com alguém mais velho, admirado e amado, modelo a ser fervorosamente imitado, o adolescente grego era gradualmente iniciado na idade adulta e transformava-se pouco a pouco num "perfeito cavalheiro", um **kaloskagathos** (literalmente "bonito e bom (ou valente)").

Até aqui só falamos da educação elementar, a única possível ainda na grande época dos Péricles, dos Sófocles, dos Fídias que todos engrandeceram na primeira metade do século V. Porém, os progressos da civilização helenística exigiram uma educação de nível superior: a revolução pedagógica da qual os sofistas foram os autores, na segunda metade do século, atinge seu apogeu na obra de dois grandes educadores, Isócrates, cuja carreira profissional se estende de

gos Olímpicos em 1896. O desejo de imitar o modelo grego levou mesmo a se reinventar esportes esquecidos, como o lançamento de disco e de dardo (ainda que o primeiro seja mais leve e o segundo mais pesado que seus equivalentes antigos). Esta revalorização não tardou em fazer ressurgir entre nós velhas antinomias: chauvinismo ou idealismo, profissionalismo ou amadorismo, esporte-espetáculo ou esporte de equipe, logo educativo.

A educação grega, mais física que intelectual, era também artística e em primeiro lugar musical, antes de ser literária. O professor de música vem imediatamente após o professor de ginástica tanto na ordem cronológica quanto na ordem de importância. O canto, sobretudo o canto coral em uníssono, a dança e a lira (ou o aulos, uma espécie de oboé) eram parte integrante do treinamento do jovem grego tanto na era arcaica como na era clássica. O componente literário era introduzido no programa através do canto, que era normalmente acompanhado de lira (daí a expressão "poesia lírica"). Depois disso, a poesia veio a representar um papel essencial na cultura grega, e conseqüentemente na educação.

O uso da escrita, desaparecido no século XI com a queda da civilização micênica, foi restaurado com o alfabeto fonético de origem fenícia, adotado no início do século VIII. A difusão do alfabeto logo teve por conseqüência a introdução de um terceiro tipo de ensino, a escola como a conhecemos hoje, onde a criança, sob a condução de um mestre, o **grammatistês** ou o **grammatodidaskalos** ("aquele que ensina as letras"), aprendia a ler e a escrever. (A aritmética sempre ficou marginal, confinada na prática

— 393 a 338 a.C., e Platão, que leciona de 387 a 348. Da rivalidade de suas escolas nascerão as duas formas essenciais da alta cultura grega: uma, oratória, a outra, filosófica. Fecunda rivalidade! É preciso evitar mesmo superestimar a oposição das duas escolas: elas se influenciaram mutuamente e fizeram concessões. Platão reconhece formalmente, no *Fedra*, a legitimidade da arte literária. Ao longo de seus diálogos, sua própria prática vai ao encontro de sua teoria: a cada página o proveito que ele tira de seu conhecimento dos poetas salta aos olhos do leitor. Quanto a Isócrates, ele admite um estudo moderado de matemática e de filosofia. Ele as chama de "ginásticas do espírito" e lhes admite um papel na preparação da eloquência.

Seus sucessores souberam extrair a lição dessas convergências. Desde o início da época helenística, na geração que vem depois de Aristóteles, parece mesmo que emerge a noção de um currículo básico, de um ensino geral, espécie de fundo comum aos diversos aspectos da alta cultura. (Existiam também escolas destinadas aos futuros médicos que podiam esperar ultrapassar o nível da técnica pura para ter acesso a uma cultura superior.) Este ensino preparatório, que sucedeu à instrução elementar que evocamos acima, era necessário para atingir o nível superior. Síntese entre as duas exigências fundamentais das escolas de Isócrates e de Platão, o ensino superior era ao mesmo tempo literário e científico. O programa dos estudos científicos era aquele mesmo que os velhos pitagóricos haviam estabelecido, a saber, os quatro ramos da matemática — aritmética, geometria, música (isto é, acústica: a teoria matemática dos intervalos e do ritmo, não a prática da música enquanto arte) e astronomia (ainda aí, menos orientada para a observação empírica que inspirada pelo desejo de "salvar os fenômenos", de constatar os movimentos aparentes dos corpos celestes pela elaboração de uma estrutura geométrica). No século VI d.C., Boécio chama esse programa de estudos de *quadrivium*, termo muito usado na Idade Média. Quanto aos estudos literários, suas três matérias eram a gramática, a retórica e a dialética (elas só foram chamadas de *trivium*, por analogia ao *quadrivium*, na época carolíngia).

A gramática era ensinada por um especialista, o *grammatikos*, bem diferente de seu modesto colega o *grammatistês*. É nos períodos de decadência, quando o programa teórico tende a reduzir-se ao mínimo necessário, que se percebe melhor sua função essencial. Assim foi no Ocidente, no início da Idade Média. Ainda hoje nosso vocabulário testemunha esse núcleo irredutível: ainda temos "grammar schools"... Originalmente, e sempre na sequência, o ensino da gramática consistia no estudo aprofundado dos grandes escritores e principalmente dos poetas. Ser um grego culto era primeiramente e antes de mais nada conhecer a fundo Homero. Herança da época arcaica. O conhecimento de Homero caracterizou a educação grega ao longo de toda a sua história. Assim, no período bizantino, Miguel Psellus se gaba de ter aprendido de cor a *Ilíada* inteira em sua infância, exatamente como se gaba disso um personagem de Xenofonte catorze séculos antes. O autor do comentário grego mais detalhado que possuímos de Homero, e que ainda é regularmente consultado em nossos dias pelos filólogos, é Eustato, arcebispo de Tessalônica no século XII.

Esta técnica fundamental, transmitida pelos romanos — leitura, recitação e explicação dos grandes autores —, continua a ser a base de toda a cultura literária ao longo dos séculos, desde os renascimentos medievais até nossos dias. Se todo italiano culto não pode impedir-se de citar ou evocar Dante, assim que pega numa pena, se todo inglês faz o mesmo com Shakespeare, é porque eles são os herdeiros desta técnica. Ao lado do principal poeta, o currículo das escolas helenísticas compreendia (como a nossa) o estudo de um certo número de obras escolhidas de outros grandes poetas, Hesíodo, Menandro, Eurípides, e de prosadores, historiadores (Tucídides) ou oradores (principalmente Demóstenes). Como ainda acontece em nossos dias,

certos autores e certas obras só figuravam nas antologias: nós nos surpreendemos de que autores menores, como o poeta cômico Straton, figurem sempre com os mesmos textos em coletâneas compostas a cinco séculos de distância.

Numa data mais tardia, o *grammatikos* foi também encarregado de professar um estudo teórico da língua. O primeiro manual, ainda muito elementar e sumário, desta *technê grammatikê* é a obra de Denis, o Trácio, que lecionava em Rodes por volta de meados do século I a.C. Seu breve tratado teve um sucesso extraordinário: infinitamente recopiado, completado, anotado, continua a ser o sustentáculo do ensino da gramática grega até o período bizantino; foi mesmo traduzido em siríaco e em armênio. Através da gramática latina e dos gramáticos do Renascimento, ele exerceu uma influência persistente no ensino moderno. Não poderíamos dizer, contudo, que seja uma obra-prima do gênio grego: é nitidamente inferior à gramática do sânscrito, cuja descoberta pelos europeus na aurora do século XIX contribuiu de maneira decisiva para o nascimento de nossa ciência linguística moderna. O tratado de Denis, o Trácio, é uma análise puramente formal dos elementos constitutivos da linguagem, tais como tinham sido isolados a partir de então. Ele estuda essencialmente as partes do discurso: substantivo, verbo, particípio, pronome, preposição, advérbio, conjunção, na maior parte das vezes por meio de definições que conduzem a uma classificação minuciosa. O substantivo, por exemplo, é examinado sucessivamente em função de seus três gêneros, de seus dois tipos, de suas três formas e finalmente subdividido em vinte e quatro classes. Evidentemente, tudo isso não tinha nada de prático: para os gregos, a gramática era uma ciência teórica sem outra finalidade nem propósito que a satisfação intelectual de ver o fenômeno complexo da linguagem desmontado em seus elementos constitutivos. Finalmente o ensino do *grammatikos* era completado por exercícios muito elementares de composição, preparatórios para outros trabalhos mais complexos que competiam ulteriormente à disciplina do *retor*. Ainda aí dava-se livre curso ao gosto pela análise e pela classificação. Os manuais do período romano que chegaram até nós nos surpreendem pela notável complexidade das regras que eles aplicam a aqueles exercícios habilmente graduados.

Depois da gramática vinham a retórica e a dialética, porém ao nível da cultura geral da qual falamos não se podiam tratar senão de breves introduções à teoria e à prática da arte oratória de um lado, de princípios da lógica e da arte da discussão, de outro. Encontraremos a retórica e a dialética conduzidas a um nível mais elevado nos estudos especializados que abordaremos mais adiante.

Trivium e quadrivium: este é o currículo das artes liberais que a Antiguidade tardia transmite à Idade Média. O termo "artes liberais" é mais romano que heleno: os gregos preferiam falar de artes "raciais / nobres / esclarecidas", adjetivos sinônimos que marcavam o contraste entre os estudos desinteressados e a especialização "mecânica" do trabalhador manual, tão desprezado por esta civilização aristocrática. No período romano, o programa de cultura geral devia também tomar o nome de *enkuklios paidéia*, o que, em grego helinístico, significa muito simplesmente "educação corrente primária". Não se deve dar a *enkuklios* o sentido moderno de "enciclopédico" — noção que data do humanismo do século XVI (ela surge simultaneamente em inglês — Elyot, 1531, e em francês — Rabelais, 1532). Os antigos certamente tinham a idéia de um "saber universal", mas eles a exprimiam pelo termo *polymathia*, carregado, aliás, na maior parte das vezes, de uma conotação pejorativa. O humanismo grego temia acima de tudo o excesso e esforçava-se por tornar proporcional a cultura humana às dimensões e, portanto, aos limites do indivíduo. Durante o período helenístico, este humanismo teve de enfrentar uma civilização sem dúvida menos complexa que a nossa, mas que che-

gara todavia a um grau de riqueza e de extensão sem termo de comparação com a cultura de um *physikos* jônico do século VI ou de um Hípias do século V, os quais ainda podiam alimentar a ambição de assimilar todos os conhecimentos da humanidade.

Se, portanto, as artes liberais pareciam ter sido claramente definidas desde o início do século IV a.C. como uma cultura geral baseada na literatura e na matemática, a lista das sete matérias não pode ter sido definitivamente determinada antes da promoção por Denis, o Trácio, da gramática ao nível de *technê*. De fato, esta lista não é confirmada antes dos últimos decênios da era pré-cristã, em Varrão e Cícero para os latinos, em Filon, o Judeu, para os gregos. É importante sublinhar que este *cursus* teórico sobre o qual em princípio todo mundo estava de acordo (ou quase: devemos colocar à parte os *enfants terribles* que eram os Cínicos, os Epicuristas e os Céticos) parece não ter tido muitas vezes senão um ideal bastante distante da prática. O *grammatikos* muito geralmente tinha precedência sobre o *geometrês*, e, fora de algumas vocações especializadas como a arquitetura, a cultura grega dos períodos helenístico e romano é predominantemente literária, em detrimento das ciências. Foi necessário este retorno relativamente tardio a Platão, que foram o Medioplatonismo e sobretudo o Neoplatonismo, para que resurgisse um estudo aprofundado da matemática, e ainda em círculos filosóficos restritos que viam nela uma preliminar indispensável à filosofia propriamente dita.

Independentemente da medicina que sempre tivera suas próprias escolas, a Grécia helenística conheceu ainda uma outra forma de estudos avançados. Neste nível superior encontramos a opção entre duas direções maiores, as duas vocações rivais da filosofia e da arte oratória. Optar pela primeira representava uma verdadeira conversão, comparável ao que é entre nós uma vocação religiosa; era adotar um modo de vida ascético e por conseguinte renunciar mais ou menos à ambição social, ao luxo, ao mundo em geral; isto compreendia também uma instrução doutrinária: em Atenas, em, todo caso, uma escola de filosofia implicava necessariamente uma espécie de instituição organizada no sentido jurídico do termo, algo como uma confraria religiosa dedicada ao culto das musas e do fundador da escola. A Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles, o Pórtico e o Jardim de Epicuro apresentavam-se assim (bem como outras escolas de menor renome). O chefe de escola era investido por seu predecessor, o que garantia a sucessão e a filiação doutrinária. A partir do imperador Marco Aurélio, os quatro chefes de escola foram mais ou menos oficialmente reconhecidos e remunerados pelos cofres imperiais. Cátedras similares parecem ter sido fundadas em outras grandes cidades, como Alexandria, pelas próprias municipalidades.

Estas escolas ensinavam, é claro, a dialética, e inicialmente no sentido em que a entendiam os sofistas do século V, retomado por Aristóteles, de erística: método de discussão visando dominar as técnicas de persuasão, dominar o adversário, convencer, confundir. A filosofia grega desenvolveu-se numa atmosfera de rivalidade entre seitas, de justas, de discussões violentas e apaixonadas (das quais as escolas dos "pequenos socráticos" fornecem os melhores exemplos). Daí o papel determinante representado, neste nível, pela dialética.

Mas com Platão o termo adquire o significado mais profundo de método aplicado à busca e à descoberta da verdade. Sob esta forma superior, a dialética passa a ser o próprio princípio do ensino filosófico: retrair o itinerário da descoberta foi considerado o melhor dos métodos para expor uma doutrina, pois ela era a única capaz de formar o discípulo e não, simplesmente, de informá-lo. Sabemos todos a que grau de perfeição e de eficácia o gênio de Platão levou este método no conjunto de seus diálogos, gênero literário adotado pelos outros discípulos e herdeiros intelectuais de Sócrates, mas que ele foi o único a elevar a semelhantes altitudes. Platão teve muitos imita-

dores, e o diálogo gozou de uma longa popularidade entre os latinos, de Cícero a Santo Agostinho e a Macróbio. A imitação, no entanto, era muitas vezes canhestra, pois era muito mais difícil adquirir as qualidades inimitáveis do modelo que reproduzir mecanicamente seus procedimentos, aquele, por exemplo, do diálogo relatado (um personagem interroga uma testemunha que relata um diálogo que ela supostamente ouviu). O gênero podia degradar-se até não ser mais que uma introdução artificialíssima a alguma exposição dogmática, se não uma espécie de catecismo escolástico que procedia através de perguntas e respostas. Mas o fato é que esta fórmula gozou de um extraordinário sucesso bem além da Antiguidade, ao longo de toda a Idade Média e até os tempos modernos, desde os humanistas platonizantes do Renascimento como Leão Hebreu (Juddá Abarbanel) com seus belos *Dialoghi d'Amore* até Spinoza, Malebranche e Berkeley.

A partir de Aristóteles, o ensino filosófico adquire também um aspecto mais técnico pelo fato de que ele dispõe doravante, com o *Organon*, de um *corpus* integral de lógica formal. Na época imperial, todas as escolas romanas dispõem um ensino de lógica aristotélica (sobre a base ao mesmo tempo do texto original e dos comentários que ele não tardou a suscitar abundantemente), concebido como o ponto de partida da instrução filosófica propriamente dita. Na Antiguidade tardia, esta iniciação começa pelo estudo das *Categorias* de Aristóteles, ou mais exatamente pela introdução de Porfírio (*Isagogê*) a este tratado. O prestígio dos mestres fundadores, Platão, Aristóteles, Epicuro, Zenão e Crisípedes, teve por outro lado o efeito de dar mais peso, no ensino, à parte dedicada à "leitura", à exegese das obras maiores dos grandes ancestrais, o que conduzia a filosofia a um estudo técnico de gênero literário. A filosofia se metia na escola da filologia, o que Sêneca já deplora: *quae philosophia fuit, facta philologia est* (Ep. 108-23). Esta técnica do comentário, da reflexão pessoal exercendo-se às margens de um texto venerado, impôs-se durante longos séculos; ela está na base da escolástica medieval e ainda influencia os usos de nossas universidades e o procedimento dos filósofos contemporâneos mais inovadores.

Porém a filosofia nunca recrutou senão uma pequena minoria da elite. Estatisticamente falando, Isócrates é que venceu Platão. Ao longo dos períodos helenístico e romano, a cultura grega em seu mais alto nível define-se pela eloquência, a arte de falar que é também a arte de escrever. A leitura em voz alta comumente praticada (recorrendo se possível aos serviços de um "leitor": *anagostês*) mostra muito bem que não havia demarcação nítida entre as duas; a palavra *logos* significava ao mesmo tempo o discurso feito para ser dito e o tratado feito para ser lido. Este traço característico da cultura antiga volta a ter, paradoxalmente, atualidade. Enquanto as técnicas audiovisuais (rádio, televisão, gravação) nos afastam pouco a pouco da "galáxia Gutenberg", daquele primado do texto impresso que marcou tão profundamente toda a nossa cultura moderna a partir do Renascimento, eis que a palavra viva, a palavra alada reencontra progressivamente a supremacia que foi sua na Antiguidade. Este já não é um fato consumado em política? O discurso televisado de um político representa atualmente o mesmo papel que um panfleto ou que um artigo de jornal há um ou dois séculos.

No mundo grego, a arte oratória era ensinada através de uma técnica altamente elaborada: a retórica. O primeiro grande teórico da retórica foi Górgias de Leontinoi, um dos principais sofistas, e a técnica atingiu seu apogeu entre sua geração e aquela de Aristóteles. No início, a retórica é uma ciência positiva baseada na observação. A experiência prova que certos oradores conseguem exercer a influência desejada, e outros não. A retórica é, na origem, a formulação sistemática dos métodos e das técnicas empregados pelos oradores persuasivos. Porém, nesse campo como naquele da geometria ou da

→ gramática, os gregos não tardaram a empregar seu senso inato de especulação, suas brilhantes faculdades racionais, seu gosto pela definição, pela classificação, pela sistematização. Apesar dos esforços de Isócrates que, com muito bom senso, procurava reduzir a importância da teoria em proveito da prática (ele preconizava o estudo e a imitação dos grandes modelos oferecidos pelos oradores célebres), viu-se proliferar desde a origem e até bem depois de Aristóteles manuais teóricos, os *technai*, de uma complexidade crescente, e de uma terminologia cada vez mais sutil.⁽²⁾

Como explicar em poucas palavras uma idéia deste ensino? Um tratado completo de retórica compreendia cinco partes: a invenção, a disposição, a elocução, a mnemotécnica e a ação. A *invenção* consistia em encontrar as idéias a serem desenvolvidas. O orador não tinha de criar essas idéias; elas já existiam e o problema era saber onde encontrá-las — daí a teoria dos lugares intrínsecos e extrínsecos. Esses ricos filões continham uma quantidade de idéias genéricas, que convinhavam a tudo, aplicáveis a qualquer assunto. Eram os célebres "lugares-comuns" (*koinoi topoi*), aquelas grandes idéias gerais de uma nobre amplitude que voltam interminavelmente na literatura clássica. Daí, ao mesmo tempo, sua monotonia e seu valor humano. A *invenção* era a parte mais desenvolvida do sistema e muitas vezes dava lugar a tratados distintos. Porém, as outras partes prestavam-se igualmente a análises extremamente refinadas: a *organização* apropriada do discurso (que compreendia em princípio seis partes, do exórdio à peroração); a *elocução* ou teoria do estilo, que distinguia os três gêneros (humilde, temperado e sublime), as figuras de pensamento (a perífrase, a antítese, a hipérbole) e as figuras de linguagem, sem negligenciar o ritmo da frase⁽³⁾; a *mnemotécnica*, que se baseava em associações de imagens visuais; a *ação*, enfim, que ensinava as regras da pronúncia e da elocução assim como os movimentos e gestos do orador. Estes últimos pontos teriam feito sorrir o leitor de hoje: os gregos não eram, simplesmente, mediterrâneos loquazes e gesticuladores? Porém, a televisão ensina agora aos políticos toda a importância das atitudes, da postura daquele que fala. Uma diferença permanece, no entanto: ainda estamos no estágio da improvisação neste campo de invenção recente, enquanto os antigos gregos tiveram tempo de codificar tudo. A postura, as expressões do rosto, os movimentos das mãos, tudo tinha suas leis e sua terminologia convencional, das quais se pode ter uma idéia comparando isto à decifração, pelos historiadores da arte indiana, dos gestos semelhantemente estilizados que nos mostram as representações gráficas de Buda.

A aquisição e o domínio de uma técnica tão elaborada e complexa careciam de um longo esforço. Isócrates já exigia três ou quatro anos de estudos. Nos períodos helenístico e romano, estes podiam prolongar-se até por oito anos. Na verdade, o orador antigo se exercitava sem cessar; pode-se dizer que ele passava a vida a "declamar", assim como um pianista nunca pára de "exercitar os dedos".

E tem mais: pelo fato de que uma iniciação aprofundada na arte oratória era o coroamento normal de toda a educação liberal, estabelecia-se entre o orador e o público como que uma cumplicidade baseada numa espécie de entendimento prévio, um pouco como aquela que reinava entre os compositores e os amadores esclarecidos de música clássica.

Um compositor do final do século XVIII sabia que seu auditório entendia as leis da harmonia, da fuga ou da sonata; assim também, todos os letrados da Antiguidade conheciam as regras da arte oratória; eles sabiam, por exemplo, que o *enkômion* ou "elogio" de um personagem vivo ou morto podia desenvolver 36 temas: começando pelos atributos exteriores (origem, meio, vantagens pessoais) para passar em seguida às qualidades físicas e depois morais; eles o sabiam mais ainda porque o *enkômion* era um dos exercícios mais praticados na escola

do *rethor* e dava lugar a concursos correspondentes a nossos exames. Apoiados em seu conhecimento, todos ficavam esperando pegar o autor na curva, se se pode falar assim, e este se sentia então mais à vontade para dar provas de originalidade, seja tratando de uma maneira nova e espirituosa um *topos* obrigatório, seja omitindo-o deliberadamente, certo então de que sua omissão seria notada e apreciada. Com o tempo, a retórica clássica cedeu lugar ao que poderíamos chamar uma retórica barroca, que visava sistematicamente o efeito da surpresa, por exemplo, modificando o equilíbrio de um período e destruindo a simetria esperada: o equivalente, no fundo, à distorção expressiva à qual estamos habituados em pintura, a partir do cubismo.

Se nos pareceu necessário insistir nessa técnica que exerceu sua tirania ao mesmo tempo sobre a educação e sobre a literatura clássica, é porque, a menos que sejam iniciados nela, os leitores modernos não são capazes de sentir e de apreciar a sutileza da arte antiga. Além do mais, esta influência profunda durou séculos. No Oriente, o estudo e a prática da retórica floresceram durante todo o período bizantino, e no Ocidente, a partir do momento em que os romanos se civilizaram ao contato com a Grécia helenística. A *ars rethorica* foi latinizada pelos oradores do tempo de Márcio, depois por Cícero e Quintiliano, porém, permaneceu inteiramente grega de inspiração e muitas vezes de vocabulário. Atingida pela esclerose da decadência, foi esquecida durante as épocas obscuras. O renascimento carolíngio, que tinha o senso das prioridades, dirigiu todos os seus esforços para a revalorização da gramática, porém, a retórica grega (conhecida através de Cícero) ressurgiu no século XI, com, por exemplo, um Anselmo de Besato e não cessou desde então de se expandir na literatura que desabrochou no século XII. Eclipsada em seguida por aquela hipertrofia da dialética que caracteriza a era escolástica e pelo utilitarismo prosaico da *ars dictamini*, a retórica veio novamente à tona com os humanistas. Ela foi uma de suas reivindicações essenciais (com o purismo em matéria de linguagem) contra aquilo que se tornara a

barbárie medieval. Ela voltou a ser um dos fundamentos da cultura ocidental tanto na educação como na prática, mesmo depois que esta cultura renunciou à supremacia do latim em benefício das línguas nacionais. Na França, a palavra *rhétorique* passou finalmente a designar o último ano dos estudos secundários, aquele que precede à iniciação à filosofia. Em toda a Europa o ensino da retórica permanece fiel aos princípios formulados por Górgias, Isócrates e Aristóteles. Ele só desapareceu das escolas numa data relativamente recente (1885 na França).

Esta persistente influência deve ser considerada um fato histórico importante, o que quer que se pense sobre ela. Ela foi benéfica ou desastrosa? Em nossos dias, o epíteto "retórico" vem na maior parte das vezes carregado de conotações pejorativas; "retórico" significa empolado, pomposo, artificial. Isto é o efeito da revolução romântica, que mudou completamente nossos gostos, fazendo da originalidade a qualidade primeira da obra artística ou literária. Talvez também tenhamos voltado a ser bárbaros ignorantes, cheios de desprezo por aquilo que não entendemos. Devemos reagir contra esta tendência a denegrir aquilo que nos parece "formal"; o que achamos "artificial" era para os gregos *entechnos*, composto segundo as regras da arte, artístico. Para quem admite suas leis e sua técnica, a retórica define no fundo uma estética da prosa que é do mesmo tipo que nossa estética do verso, e de uma autenticidade inteiramente comparável. Antes de tudo devemos evitar isolar a retórica de seu contexto. Para Isócrates, já, ela não era senão o coroamento de todo um sistema que incluía a formação do espírito e do pensamento, a educação, a cultura, e esse sistema deve ser tomado em sua totalidade.

Isócrates venceu Platão, dizíamos anteriormente: de geração em geração uma maioria esmagadora seguiu seus preceitos, e este fenômeno não diz respeito apenas à Antiguidade. É com razão que Burnet chamava Isócrates de "o pai do Humanismo": seu ideal, redescoberto pelo Ocidente no Renascimento, dominou a tradição humanista clássica até a nossa época. Isócrates substituiu a ambição talvez excessiva do filósofo

que pretendia o conhecimento racional pelo ideal mais razoável, mais acessível e finalmente mais fecundo do *homem sensato*. Este humanismo, como indica o seu nome, visava armar o homem, todos os homens, para a vida: tratava-se de uma educação válida para todos, devia convir a qualquer indivíduo, qualquer que fosse o caminho no qual ele se engajasse em seguida; o que explica que ela fosse predominantemente literária e reservasse ao futuro especialista o estudo aprofundado da matemática ou da filosofia. Ela se baseava, como vimos, na frequência assídua dos grandes escritores admirados e reconhecidos, mais particularmente dos poetas, pois a poesia era o instrumento maravilhoso capaz de proporcionar a cada um, criança ou adulto, um conhecimento intuitivo do homem e da vida. Que quantidade de sabedoria se achava concentrada numa estrofe de Eurípides!

Esta espécie de sabedoria é aquela que visava à totalidade do programa dos estudos clássicos. Diante dos problemas concretos colocados pela vida, problemas sempre tão complexos que é impossível resolvê-los pelas vias da lógica, é bom que o homem seja capaz de "por o dedo" (*épitunkhanein*) na boa solução, ou pelo menos na menos ruim: na solução que mais convém, consideradas as circunstâncias, a situação concreta, o momento. Esta espécie de destreza mental — um caso de sutileza, de sagacidade, não de cálculo matemático — é o que a educação da qual estamos falando se esforçava em desenvolver. Não há nada de espantoso em que ela acentuasse a expressão verbal, o *logos*, pois o discurso, a linguagem não é somente um meio de comunicação privilegiado entre os homens; ele é também o instrumento que permite a cada indivíduo formular seu próprio pensamento com clareza e precisão; o próprio Isócrates gostava de dizer: "A propriedade dos termos é o sinal mais seguro de um bom discernimento" (3.7; 15.255).

As idéias de Isócrates e todo o sistema de educação que as pôs em prática dominaram a Europa Ocidental quase até a nossa geração. Elas são violentamente contestadas no momento atual. O que as ameaça é antes de mais nada a crescente democratização da sociedade ocidental, enquanto a cultura clássica, e com ela toda a civilização antiga da qual é oriunda, era de inspiração essencialmente aristocrática. Era a cultura de uma elite intelectual que se apoiava na tradição e nos costumes de uma elite social. Mais radical ainda é a contestação provocada pela "explosão tecnológica", que exige antes de mais nada da educação que forneça os empresários, engenheiros e técnicos de que ela necessita.

É o caso de se dizer que a tradição clássica não tem mais nenhum papel a desempenhar? Constatemos que sua sobrevivência e sua irradiação não estão indissolivelmente ligadas à manutenção do ensino do grego, do latim e da literatura clássica, como o pretendem certas mentes morosas. Já pudemos observar que a influência da tradição clássica na educação se manteve de muitas maneiras, mesmo depois que as línguas nacionais lançaram à sombra o grego e o latim. Sem dúvida o progresso das ciências humanas e particularmente da psicologia ameaça mudar radicalmente as técnicas da educação. É o espírito da educação clássica que se revelou e pode ainda revelar-se fecundo. Sua inspiração profunda conserva todo o seu valor. Tratar-se de uma educação, de uma cultura que visa a formar o homem, o homem enquanto homem, o homem completo, não um produtor-consumidor qualquer, simples engrenagem da economia industrial.

Notas

(1) Um novo sistema de escrita que substituiu a partir do Minóico III (de 1750 a cerca de 1580 a.C.) o sistema hieroglífico do Minóico I: distinguem-se duas etapas, o Linear A e o Linear B, que só foi decifrado recentemente.

(2) Estes textos estão reunidos na coleção dos *Rethores Graeci*.

(3) São atribuídas a Górgias as três figuras ditas "figuras gorgiânicas" ou *isokolon*, paralelismo entre elementos de extensão e ritmo idênticos no interior da frase.

